Em Busca de Sentido

(Um Psicólogo no Campo de Concentração)

de Viktor Frankl
(1905 – 1997)

Resumo da Narrativa

Viktor Frankl, o prisioneiro 119.104, passa três anos entre os campos de concentração de Theresienstadt, Auschwitz, Kaufering e Türkheim. Logo após a libertação, em 1945, volta a Viena e durante nove dias escreve o relato "Um psicólogo num campo de concentração" (*"Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslage"*) que seria publicado, no Brasil, na coletânea "Em Busca de Sentido" e, nos Estados Unidos, com o nome *"Man's Search for a Meaning"*. A vivência do internamento aprofundou em Frankl a compreensão do método terapêutico "logoterapia", já esboçado desde 1926, e cujo manuscrito *"Ärtzlich Seelsorge"* havia sido confiscado pelos nazistas na chegada a Auschwitz. A segunda parte do livro trata dos "Conceitos fundamentais da logoterapia" e a terceira é um pós-escrito de 1984, "A tese do otimismo trágico".

Um Psicólogo no Campo de Concentração

1. *"Este livro não trata de fatos e acontecimentos externos, mas de experiências pessoais que milhares de prisioneiros viveram de muitas formas. É a história de um campo de concentração visto de dentro, contada por um dos seus sobreviventes. Não vamos descrever os grandes horrores (já bastante denunciados, embora nem sempre se acredite neles), mas sim as inúmeras pequenas torturas. Em outras palavras, tentarei responder à seguinte pergunta: 'De que modo se refletia na mente do prisioneiro médio a vida cotidiana do campo de concentração?' "* (pág. 15)

2. *"Existiam prisioneiros que viviam anos a fio em campos de concentração e eram transferidos de um para outro, passando às vezes por dezenas deles. Dentre eles, em geral, somente conseguiam manter-se com vida aqueles que não tinham escrúpulos nessa luta pela preservação da vida e que não hesitavam em usar métodos violentos ou mesmo em roubar dos amigos. Todos nós que escapamos com vida por milhares e milhares de felizes coincidências ou milagres divinos – seja lá como quisermos chamá-los – sabemos e podemos dizer, sem hesitação, que os melhores não voltaram."* (pág. 17)

3. *"Quando o ex-prisioneiro 119.104 tenta descrever agora o que vivenciou como psicólogo no campo de concentração, é preciso observar de antemão que naturalmente ele não atuou ali como psicólogo, nem mesmo como médico (a não ser durante as últimas semanas). Cumpre salientar este detalhe, porque o importante não será mostrar o seu modo de vida pessoal, mas a maneira como precisamente o prisioneiro comum experimentou a vida no campo de concentração. Não é sem orgulho que digo não ter sido mais que*

um prisioneiro 'comum', nada fui senão o simples nº 119.104. A maior parte do tempo estive trabalhando em escavações e na construção de ferrovias." (pág. 17)

4. *"Neste ponto quero mencionar que inicialmente não pretendia publicar este livro com o meu nome, mas apenas indicando o meu número de prisioneiro. A razão disto estava em minha aversão a todo e qualquer exibicionismo com relação às experiências vividas. O manuscrito já estava concluído quando me convenceram de que uma publicação anônima comprometeria o seu próprio valor, visto que a coragem da confissão eleva o valor do testemunho. Por amor à causa, portanto, desisti também de cortes posteriores, suplantando a aversão do exibicionismo com a coragem de confessar – superando-me assim a mim mesmo."* (pág. 19)

5. *"Ficamos esperando agora num galpão que forma a ante-sala da 'desinfecção'. A SS vem com cobertores sobre os quais devem ser jogadas as posses pessoais, todos os alimentos enlatados, todos os relógios e todas as jóias. Para a diversão dos prisioneiros 'antigos' que colaboram, ainda há entre nós alguns ingênuos que se arriscam a perguntar se não se poderia ficar ao menos com uma aliança, um medalhão, um talismã ou uma lembrança? Ninguém ainda consegue acreditar que de fato tiram literalmente tudo da gente. Procuro conquistar a confiança de um dos prisioneiros antigos. Aproximo-me dele com cuidado, mostro um rolo de papel no bolso interno da minha capa e digo: 'Olha aqui! Tenho comigo um manuscrito científico a ser publicado – já sei o que vais dizer, já sei: 'escapar com vida, salvar a vida nua e crua é tudo, é o máximo que se pode pedir do destino'. Mas eu não posso largar isto, eu tenho essa mania de grandeza e quero mais. Quero ficar com este manuscrito, preservá-lo de alguma forma – ele contém a obra da minha vida; compreendes?' Ele começa a entender, sim; começa a sorrir com todo o rosto: primeiro, compassivo; depois, como se fosse divertido, fica de olhar zombeteiro e gozador até botar uma careta e gritar comigo, liquidando a minha pergunta com uma única palavra, aquela palavra que desde então sempre ouviria como a mais usada no vocabulário do prisioneiro do campo de concentração: 'Merda!' Aí percebo em que pé estão as coisas. Faço aquilo que representa o ápice de toda essa primeira fase de reações psicológicas: dou por encerrada toda minha vida até ali."* (pág. 24)

6. *"Enquanto ainda esperamos pelo chuveiro, experimentamos integralmente a nudez: agora nada mais temos senão esse nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que restou em comum com nossa vida de antes? Para mim, por exemplo, ficaram os óculos e o cinto; este, entretanto, teria que ser dado em troca de um pedaço de pão, mais tarde. Para quem usasse bragueiro, ainda houve uma pequena surpresa especial à noite: o encarregado do nosso barracão pronunciou uma saudação na qual deu a 'palavra de honra' de que quem tivesse costurado 'dólar ou metal precioso' em seu bragueiro seria enforcado por ele pessoalmente 'nesse barrote aqui' (apontando com o dedo). Com muito orgulho, declarou ter este direito, como encarregado do grupo e segundo o regulamento do campo."* (pág. 25)

7. *"Desfez-se assim, uma após outra, qualquer ilusão que alguém do grupo eventualmente ainda estivesse nutrindo. A maioria de nós agora é tomada de algo inesperado: humor negro! Sabemos que nada mais temos a perder a não ser uma vida ridiculamente nua. Debaixo do chuveiro fazemos comentários engraçados, que pretendem ser gracejos. Em atitude meio forçada, cada qual se diverte primeiro consigo mesmo, depois também com os outros. Afinal, do chuveiro realmente sai água!"* (pág. 26)

8. *"Mas são muitas as surpresas triviais que ainda aguardam o prisioneiro recém-chegado. Quem é ligado à medicina aprende sobretudo uma coisa: os compêndios mentem! Em algum livro de estudo constava que a pessoa não consegue agüentar mais que determinado número de horas sem dormir. Trata-se de concepção totalmente errada. Eu mesmo tinha a convicção de que havia certas coisas que eu simplesmente não conseguia fazer ou deixar de fazer. Não poderia dormir 'caso não...' Não conseguia viver*

'sem...' Na primeira noite em Auschwitz, dormi em beliches de três andares, e em cada andar (medindo mais ou menos 2 x 2,5 m) dormiram nove pessoas, em cima de tábua nua; e para cobrir-se, havia dois cobertores para cada andar, isto é, para nove pessoas. Naturalmente só podíamos nos deitar de lado, apertados e forçados um contra o outro, o que, por outro lado, face ao frio reinante no barracão sem calefação, não deixava de ter suas vantagens. Não era permitido levar sapatos para os beliches. Em grave infração do código, um ou outro os usava à guisa de travesseiro, mesmo estando completamente enlameados. No mais, nada nos restava senão apoiar a cabeça sobre o braço esticado para cima, mesmo que quase o destroncasse. Mas o sono leva consigo o estado consciente, eliminando também o dolorido da posição." (págs. 26-27)

9. *"A nossa investigação psicológica, no entanto, ainda não está terminada, nem tampouco nós, prisioneiros, já atingíramos este ponto no curso dos eventos. Estávamos ainda na primeira fase da reação psicológica. Face à situação sem saída, ao perigo de morte a nos espreitar a cada dia, a cada hora e minuto, face à proximidade da morte de outros, da maioria, era natural que quase todos pensassem em suicídio, mesmo que apenas por um momento. Em virtude de minha ideologia básica, que se esclarecerá adiante, na primeira noite em Auschwitz, pouco antes de adormecer, fiz a mim mesmo a promessa, uma mão apertando a outra, de não 'ir para o fio'. Esta expressão, corrente no campo, designava o método usual de suicídio: tocar no arame farpado, eletrificado em alta tensão. Tomar a decisão negativa de não 'ir par o fio' não era difícil. Afinal de contas, a tentativa de suicídio não fazia muito sentido. O mero cálculo de probabilidade, a 'expectativa da vida' estatística praticamente excluía o prisioneiro comum do minguado percentual daqueles que ainda sobreviveriam às seleções vindouras, dos mais diversos tipos. Em Auschwitz, o internado em estado de choque não tem medo algum da morte. Nos primeiros dias de sua estada, a câmara de gás nem de longe representa um horror. Para ele, a câmara de gás é algo que o poupa de cometer suicídio."* (págs. 27-28)

10. *"O tipo de reação que acabamos de caracterizar começa a se alterar depois de poucos dias. Após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro passa para o segundo estágio, a fase de relativa apatia. A pessoa aos poucos vai morrendo interiormente. Afora as diversas reações emotivas acima descritas, o prisioneiro recém-internado ainda experimenta, durante o primeiro período de sua estada no campo, outras sensações extremamente torturantes, que logo tenta suprimir. Surge, sobretudo, indizível saudade de seus familiares. Uma saudade tão ardente que só resta uma sensação: a de se consumir. Além disso há o nojo. O nojo de toda a fealdade que o cerca, interior e exterior. Como a maioria dos seus companheiros, o prisioneiro está 'vestido' em farrapos tais, que a seu lado um espantalho teria ares de elegância. Entre as barracas, no campo de concentração, há somente um lodaçal. E quanto mais se trabalha em sua eliminação, tanto mais se entra em contato com a lama."* (pág. 29)

11. *"Padecentes, moribundos e mortos constituem uma cena tão corriqueira, depois de algumas semanas num campo de concentração, que não conseguem sensibilizá-lo mais.*
Por certo tempo estive num barracão em que estavam aquartelados os que sofriam de tifo exantemático, em meio a pacientes com febre alta e me pleno delírio, muitos deles às portas da morte. Mais um acaba de morrer. Que acontece pela enésima vez, sim, pela enésima vez, sem despertar um mínimo de reação ou sentimento? Fico observando como um companheiro depois do outro se aproxima do cadáver ainda quente; um lhe surrupia o resto de batatas encardidas do almoço; outro verifica que os tamancos do cadáver ainda estão um pouco melhores que os seus próprios; um terceiro tira o paletó do morto; outro, afinal, ainda fica contente por surrupiar um barbante de verdade – imagine. Fico olhando, apático. Finalmente dou-me um empurrão e me animo a convencer o 'enfermeiro' a levar o corpo para fora do barracão (um galpão de chão batido)." (pág. 30)

12. *"A apatia como principal sintoma da segunda fase é um mecanismo necessário de autoproteção da psique. Reduz-se a percepção da realidade. Toda a atenção e portanto também os sentimentos se concentram em torno de um único objetivo: pura e simplesmente salvar a vida – a própria e a do outro! Assim se podia ouvir repetidamente os companheiros dizerem quando voltavam do local de trabalho ao campo, à noitinha, numa exclamação bem típica: 'Então, passou mais um dia!' "* (pág. 35)

13. *"Compreende-se perfeitamente que naquela situação psicológica sem saída e sob a pressão da necessidade de se concentrar na preservação imediata da vida, toda a vida psíquica parece baixar a um nível primitivo. Por isso, colegas de orientação psicanalítica entre os companheiros costumavam falar de uma 'regressão' da pessoa no campo de concentração, de um retraimento a uma forma mais primitiva da vida psíquica. Essa primitividade dos desejos e anseios se revela nos sonhos típicos dos reclusos.*
Qual é o sonho mais freqüente da pessoa internada no campo? Ela sonha com pão, com tortas, cigarros e com uma banheira cheia de água quente. A não-satisfação das respectivas necessidades mais primitivas fá-lo experimentar a satisfação das mesmas em sonhos primitivos de realização de desejos. Outra coisa é o efeito deste sonho sobre quem sonha, no momento em que desperta para a realidade do campo de concentração e sente o terrível contraste entre a ilusão do sonho e a realidade do campo." (págs. 35-36)

14. *"Face ao estado de extrema subnutrição em que se encontravam os prisioneiros, é compreensível que, entre os instintos primitivos que representam a 'regressão' da vida psicológica no campo, o instinto de alimentação ocupasse o lugar principal. Observemos os prisioneiros de um modo geral quando estão juntos no lugar de trabalho, num momento em que não estão sendo tão rigorosamente vigiados. A primeira coisa de que começam a falar é comida. Imediatamente alguém começará por perguntar ao colega que trabalha a seu lado no valo qual o seu prato favorito. Começam a trocar receitas e compor menus para o dia em que pretendem convidar-se mutuamente para um reencontro, futuramente, depois de libertos e de volta em casa. Este assunto os fascina tanto que não conseguem largá-lo antes do convencionado sinal de aviso, geralmente dissimulado pela menção de um número, por exemplo, alertando os que estão no valo da chegada do guarda."* (pág. 36)

15. *"Na grande maioria dos prisioneiros, a preponderância dos instintos primitivos e a peremptória necessidade de se concentrar sobre a pura e simples preservação da vida constantemente ameaçada, suscitam uma depreciação radical de tudo aquilo que não serve a este interesse exclusivo. Assim se explica a ausência absoluta de sentimentos por parte do prisioneiro quando avalia os acontecimentos. Quando ainda inexperiente, tomei consciência desta frieza de forma drástica, ao ser transferido de Auschwitz para um campo filial em Dachau, na Baviera. O trem, que transportava cerca de dois mil prisioneiros, passava por Viena. Cruzamos por uma estação vienense depois da meia-noite. O percurso seguinte passava defronte ao beco em que está a casa onde nasci e na qual vivi décadas inteiras da minha vida, até o momento em que fui deportado. Éramos cerca de cinqüenta homens num pequeno vagão de prisioneiros, que tinha duas pequenas aberturas com grades. Apenas alguns de nós podiam sentar-se no chão, enquanto os demais eram forçados a ficar de pé horas a fio. Estes geralmente se apinhavam junto às aberturas. Eu também era um deles. Aquilo que pude entrever da minha cidade natal, por entre as cabeças à minha frente e através das grades, pondo-me na ponta dos pés, tinha para mim um aspecto fantasmagórico ao estremo. Todos nos sentíamos mais mortos que vivos. Supúnhamos que o transporte se dirigisse para Mauthausen. Por isso, achávamos que não viveríamos mais que uma ou duas semanas em média. Enxergava as ruas, praças e casa da minha infância, da minha terra natal, - era um sentimento bem nítido – como se eu já tivesse morrido, como um morto olhando do além, um fantasma a contemplar esta cidade de aspecto fantasmagórico. O trem parte da estação, depois de longas horas de espera. Agora vem o beco – o meu beco! Começo a implorar como um mendigo. Os que estão à minha frente são jovens, embora já tenham atrás de si muitos anos no campo de concentração, razão por que uma viagem como aquela representa para eles uma rica safra de novas impressões e experiências, de modo que ficam*

espiando com muita curiosidade pela abertura. Peço-lhes que me deixem passar à frente por um momento. Procuro mostrar o que representa para mim olhar para fora naquele instante. Meio bruscos, meio indignados, com deboche e desprezo na voz, eles rejeitam meu pedido, que é quitado com a observação: 'Tantos anos você viveu ali? Bom, então já viu o suficiente!' " (págs. 39-40)

16. *"Apesar de todo o primitivismo que toma conta da pessoa no campo de concentração, não só exteriormente, mas em sua vida interior, percebem-se, embora esporadicamente, os indícios de uma expressiva tendência para a vivência do próprio íntimo. Pessoas sensíveis, originalmente habituadas a uma vida intelectual e culturalmente ativa, dependendo das circunstâncias e a despeito de sua delicada sensibilidade emocional, experimentarão a difícil situação externa no campo de concentração de forma, sem dúvida, dolorosa; esta, não obstante, terá para elas efeitos menos destrutivos em sua existência espiritual. Pois justamente para essas pessoas permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Esta é a única explicação para o paradoxo de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta."* (pág. 42)

17. *"Enquanto avançamos aos tropeços, quilômetros a fio, vadeando pela neve ou resvalando no gelo, constantemente nos apoiamos um no outro, erguendo-nos e arrastando-nos mutuamente. Nenhum de nós pronuncia uma palavra a mais, mas sabemos neste momento que cada um só pensa em sua mulher. Vez por outra olho para o céu onde vão empalidecendo as estrelas, ou para aquela região no horizonte em que assoma a alvorada por detrás de um lúgubre grupo de nuvens. Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e – tanto faz se é real ou não a sua presença – seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. Um pensamento me sacode. É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência da sabedoria, ,por tantos poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada. Na pior situação exterior que se possa imaginar, numa situação em que a pessoa não pode realizar-se através de alguma conquista, numa situação em que sua conquista pode consistir unicamente num sofrimento reto, num sofrimento de cabeça erguida, nesta situação a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si mesma da pessoa amada. Pela primeira vez na vida entendo o que quer dizer: Os anjos são bem-aventurados na perpétua contemplação, em amor, de uma glória infinita..."* (pág. 43)

18. *"De repente me dou conta: nem sei se minha esposa ainda vive! Naquele momento fico sabendo que o amor pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu 'ser assim' (nas palavras dos filósofos) que a sua 'presença' e seu 'estar-aqui-comigo' podem ser reais sem sua existência física em si e independentemente de seu estar com vida. Eu não sabia, nem poderia ou precisaria saber, se a pessoa amada estava viva. Durante todo o período do campo de concentração não se podia escrever nem receber cartas. Mas isto naquele momento de certa forma não tinha importância."* (pág. 44)

19. *"Aquele que vive no campo de concentração e está disposto a voltar-se para seu interior tem outro recurso para escapar do vazio, da desolação e da pobreza espiritual de sua existência atual: o refúgio no*

passado. Absorta em si mesma, a fantasia da pessoa sempre volta a reviver experiências passadas. Mas o que ocupa o pensamento não são as grandes experiências, e, sim, muitas vezes, um fato corriqueiro, as coisas mais insignificantes de sua vida anterior.. Na lembrança nostálgica, elas se apresentam sublimes ao prisioneiro." (pág. 44)

20. *"Em sentido figurado, se poderia dizer que o sofrimento do ser humano é como algo em estado gasoso. Assim como determinada quantidade de gás preenche um espaço oco sempre de modo uniforme e integral, não importando as dimensões desse espaço, o sofrimento ocupa toda a alma da pessoa humana, o consciente humano, seja grande ou pequeno este sofrimento. Daí resulta que o 'tamanho' do sofrimento humano é algo bem relativo; resulta, ainda, que algo quase insignificante pode proporcionar a maior das alegrias, como foi, por exemplo, na ocasião em que viajávamos de Auschwitz para um dos campos filiais de Dachau, na Baviera. Temíamos que o transporte fosse para Mauthausen. Nossa ansiedade crescia à medida que o trem se aproximava daquela ponte sobre o Danúbio pela qual, segundo diziam companheiros com anos de experiência em campos de concentração, ele teria que passar assim que se desviasse da linha principal, caso se dirigisse a Mauthausen. Quem ainda não passou por algo semelhante só acreditaria se pudesse ver os prisioneiros no vagão dançar de alegria, ao perceberem que o transporte se dirigia 'apenas' para Dachau."* (pág. 49)

21. *"Éramos gratos ao destino quando ele nos poupava de sustos, os mínimos que fossem. Já ficávamos contentes quando à noite podíamos catar os piolhos do corpo, antes de nos deitar. Em si, não era uma operação agradável, porque era preciso despir-nos no barracão quase nunca aquecido, em cujo interior, muitas vezes, pendiam do teto estalactites de gelo. Mas nos dávamos por satisfeitos quando, em tal hora, não havia um alarme aéreo que causasse um blecaute e nos impedisse de completar a operação cata-piolho, o que significava metade da noite sem conseguir dormir. É claro que todas essas miseráveis 'alegrias' do campo de concentração representavam, por excelência, uma felicidade no sentido negativo de Schopenhauer, ou seja, uma isenção de sofrimento, e mesmo esta, conforme mostramos acima, apenas em sentido muito relativo."* (pág. 51)

22. *"Inesperadamente o médico-chefe precipitou-se para dentro do barracão e instou comigo para que me apresentasse voluntariamente para o serviço médico em outro setor, o de tifo exantemático. Contrariando os insistentes conselhos dos meus amigos e à diferença do comportamento calculista de quase todos os outros colegas de profissão não engajados, imediatamente resolvi apresentar-me. Eu sabia que num comando de trabalho eu me acabaria dentro de pouquíssimo tempo. Já que iria morrer, então eu queria que minha morte tivesse sentido. Alguma espécie de ajuda a meus companheiros enfermos, na qualidade de médico, sem dúvida me parecia ter mais sentido que morrer como trabalhador braçal ineficiente que eu era então. Isto foi para mim um cálculo muito simples e, de modo algum, um sacrifício heróico."* (págs. 52-53)

23. *"Falamos no início da grande desvalorização que elimina – com poucas exceções – tudo aquilo que nada tem a ver diretamente com a preservação da vida da própria pessoa bem como daquelas que em seu íntimo lhe são próximas. A própria pessoa, entretanto, não escapa dessa desvalorização. Até ela é incluída no turbilhão espiritual que parece arrastar todos os valores para um abismo de ambigüidade. Sob a sugestão de um ambiente que há muito deixou de dar o menor valor à vida humana ou à dignidade das pessoas, mas que faz de pessoas objetos destituídos de vontade, peças de uma política de exterminação que é adiada apenas para a exploração dos últimos restos de capacidade física de trabalho – exposto a essa sugestão generalizada, o próprio eu só pode mesmo acabar desvalorizado. A pessoa que estiver no campo de concentração e não resistir a essa sugestão com um impulso último do sentimento de valor próprio acaba perdendo a sensação de ser ainda um sujeito, ou sequer um ente espiritual dotado de*

liberdade interior e valor pessoal. Ela experimenta a si mesma somente como partícula de uma massa enorme, e sua existência se reduz ao nível de existência num rebanho." (pág. 53)

24. *"Até aqui descrevemos a apatia, a dessensibilização do íntimo, que toma conta do prisioneiro durante a sua estada no campo de concentração, fazendo a sua vida psíquica baixar, de modo geral, a um nível mais primitivo, tornando-o objeto do destino ou do arbítrio dos guardas, destituído de vontade, tanto que ele acaba cheio de medo de tomar nas mãos o seu destino, ou seja, de enfrentar decisões. A apatia tem ainda outras causas e não pode ser entendida apenas como mecanismo de autodefesa da alma, no sentido mencionado. Há também causas de natureza fisiológica. É o que vale também para a irritabilidade, a qual, além da apatia, representa uma das mais eminentes características da psique do prisioneiro. Entre as causas fisiológicas estão em primeiro lugar a fome e a falta de sono. Como qualquer um sabe, mesmo na vida normal ambos os fatores tornam a pessoa apática e irritadiça. No campo de concentração, o sono insuficiente se deve em parte aos insetos parasitas a proliferar livremente na mais inconcebível falta de higiene, e à inimaginável concentração de pessoas nos barracões.*
Existe ainda outro fator a contribuir para a apatia e a irritabilidade, que é a ausência daqueles tóxicos da civilização que normalmente servem para atenuá-las, isto é, a nicotina e a cafeína. Aumenta, assim, a propensão para a apatia e a irritabilidade. Além das causas fisiológicas existem ainda origens psicológicas deste peculiar estado de espírito dos prisioneiros. Trata-se de certos 'complexos'. É compreensível que a maioria dos prisioneiros seja atormentada por uma espécie de sentimento de inferioridade. Antes, cada um de nós havia sido 'alguém', ou ao menos julgava sê-lo. Agora, no entanto, é tratado literalmente como se fosse um ninguém. "Não há dúvida de que o amor-próprio, quando ancorado em áreas mais profundas, espirituais, não pode ser abalado pela situação do campo de concentração; mas quantas pessoas, quantos prisioneiros possuirão um sentimento de auto-estima tão bem firmado?) Mesmo sem refletir muito sobre isso, sem que se conscientize disso, é natural que o prisioneiro mediano se sinta totalmente rebaixado."
(págs. 63-64)

25. *"A experiência da vida no campo de concentração mostrou-nos que a pessoa pode muito bem agir 'fora do esquema'. Haveria suficientes exemplos, muitos deles heróicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritação; e continua existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente, mesmo nessa situação de coação aparentemente absoluta, tanto exterior como interior. Quem dos que passaram pelo campo de concentração não saberia falar daquelas figuras humanas que caminhavam pela área de formatura dos prisioneiros, ou de barracão em barracão, dando aqui uma palavra de carinho, entregando ali a última lasca de pão? E mesmo que tenham sido poucos, não deixou de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas. E havia uma alternativa! A cada dia, a cada hora no campo de concentração, havia milhares de oportunidades de concretizar esta decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca – sua liberdade – e que a induzem, com a renúncia à liberdade e à dignidade, a virar mero joguete e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar um prisioneiro 'típico' do campo de concentração.*
A partir deste último ponto de vista, também a reação psíquica dos internados nos campos de concentração, em última análise, somente pode ser interpretada como algo mais que mera expressão de certas condições físicas, psicológicas e sociais – por mais que todas elas, seja a falta de calorias, seja a deficiência de sono, sejam os mais diversos 'complexos' psíquicos, pareçam sugerir que a decadência da pessoa esteja vinculada à lei normativa de uma psique típica do campo de concentração. Aquilo que sucede interiormente com a pessoa, aquilo em que o campo de concentração parece 'transformá-la', revela ser o resultado de uma decisão interior. Em princípio, portanto, toda pessoa, mesmo sob aquelas circunstâncias, pode decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico

prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa humana, que também ali permanece sendo ser humano e conserva a sua dignidade.
Dostoievski afirmou certa vez: 'Temo somente uma coisa: não ser digno do meu tormento.' Essas palavras ficavam passando muitas vezes pela cabeça da gente quando se ficava conhecendo aquelas pessoas tipo mártir, cujo comportamento no campo de concentração, cujo sofrimento e morte testemunham essa liberdade interior última do ser humano, a qual não se pode perder. Sem dúvida, elas poderiam dizer que foram 'dignas dos seus tormentos'. Elas provaram que, inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido. Pois não somente uma vida ativa tem sentido, em dando à pessoa a oportunidade de concretizar valores de forma criativa. Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa realizar valores na experiência do que é belo, na experiência da arte ou da natureza. Também há sentido naquela vida que – como no campo de concentração – dificilmente oferece uma chance de se realizar criativamente e em termos de experiência, mas que lhe reserva apenas uma possibilidade de configurar o sentido da existência, e que consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre seu ser. Faz muito que o recluso está privado de realizar valores criativos. Mas não se encontra sentido apenas na realização de valores de criação e de experiência. Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo.
A maioria se preocupava com a questão: 'Será que vamos sobreviver ao campo de concentração? Pois, caso contrário, todo esse sofrimento não tem sentido'. Em contraste, a pergunta que me afligia era outra: 'será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor? Pois caso contrário, afinal de contas, não faz sentido sobreviver ao campo de concentração'. Uma vida cujo sentido depende exclusivamente de se escapar com ela ou não e, portanto, das boas graças de semelhante acaso – uma vida dessas nem valeria a pena ser vivida." (págs. 66-68)

26. *"Pela maneira com que uma pessoa assume o seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, revela-se, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência. A pessoa pode permanecer corajosa e valorosa, digna e desinteressada, ou, na luta levada ao extremo pela autopreservação, pode esquecer sua humanidade e acabar tornando-se por completo aquele animal gregário, conforme nos sugeriu a psicologia do prisioneiro do campo de concentração. Dependendo da atitude que tomar, a pessoa realiza ou não os valores que lhe são oferecidos pela situação sofrida e pelo seu pesado destino. Ela então será 'digna do tormento', ou não."* (pág. 68)

27. *"Dissemos acima que a razão última para a deformação da realidade vital interior da pessoa no capo de concentração não está nas causas psicofísicas enumeradas, no fato de se originar, em última análise, numa livre decisão. Isso queremos detalhar a seguir. A observação psicológica dos reclusos, no campo de concentração, revelou que somente sucumbe às influências do ambiente no campo, em sua evolução de caráter, aquele que entregou os pontos espiritual e humanamente. Mas somente entregava os pontos aquele que não tinha mais em que se segurar interiormente! Em que deveria e poderia consistir esse apoio interior? Eis a nossa questão."* (pág. 70)

28. *"Para quem entrega os pontos como pessoa, por não mais conseguir apoiar-se num alvo futuro, a forma de vida interior no campo de concentração acaba desembocando numa forma de existência retrospectiva. Dessa tendência de voltar para o passado já falamos em outro contexto. Ela se presta para a depreciação do presente com seus horrores. Ocorre, porém, que a depreciação do presente, da realidade circundante, implica certo perigo. Isto porque podem ser facilmente esquecidas as possibilidades de influência criativa sobre a realidade, as quais não deixam de existir também no campo de concentração,*

como ficou demonstrado em diversos exemplos heróicos. A desvalorização total da realidade, oriunda da forma provisória de existência do recluso, acaba seduzindo a pessoa a entregar os pontos completamente, a abandonar-se a si mesma, visto que de qualquer forma 'tudo está perdido'. Essas pessoas estão se esquecendo de que muitas vezes ´é justamente uma situação exterior extremamente difícil que dá à pessoa a oportunidade de crescer interiormente para além de si mesma. Em vez de transformar as dificuldades externas da vida no campo de concentração numa prova de sua força interna, elas não levam a sério a sua existência atual, e depreciam-na para algo sem real valor. Preferem fechar-se a esta realidade, ocupando-se apenas com a vida passada." (págs. 71-72)

29. *"Quem não consegue mais acreditar no futuro – seu futuro – está perdido no campo de concentração. Com o futuro, tal pessoa perde o apoio espiritual, sucumbe interiormente e decai física e psiquicamente. Geralmente isto acontece de forma até bastante repentina, numa espécie de crise, cujos sintomas o recluso relativamente experiente conhece muito bem. Cada um de nós temia aquele momento em que se manifestava pela primeira vez essa crise – não em si próprio, pois então já teria sido indiferente, e sim em seus amigos. Geralmente essa crise se configurava da seguinte maneira: a pessoa em questão certo dia ficava simplesmente deitada em seu barracão, e ninguém conseguia persuadi-la a botar a roupa, ir ao lavatório ou mesmo a se apresentar na formatura de chamada. Nada mais surtia efeito, nada lhe metia medo, nem súplicas, nem ameaças, nem golpes, tudo em vão. O sujeito simplesmente ficava deitado, não se mexia, e quando uma doença provocava essa crise, a pessoa se negava inclusive a ser transportada para o ambulatório ou tomar qualquer medida me prol de si mesma. Ela entrega os pontos! Fica deitada até nas próprias fezes e urina, pois nada mais lhe interessa."* (pág. 74)

30. *"Este caso isolado e as conclusões dele tiradas coadunam-se com outra observação para a qual o médico-chefe do nosso campo chamou a minha atenção certa vez. Na semana entre o Natal de 1944 e o Ano Novo de 1945 irrompeu uma mortandade jamais vista anteriormente no nosso campo de concentração. Também o médico-chefe foi de opinião de que as causas da mesma não estavam num agravamento das condições de trabalho ou de alimentação, ou numa eventual alteração climática ou mesmo novas epidemias. Antes, a causa dessa mortandade em massa devia ser procurada exclusivamente no fato de a maioria dos prisioneiros ter se entregue à habitual e ingênua esperança de estar de volta em casa já para o Natal. Como, porém, as notícias dos jornais fossem tudo menos animadoras, ao se aproximar aquela data, os reclusos foram tomados de desânimo e decepção gerais, cuja perigosa influência sobre a capacidade de resistência dos prisioneiros se manifestou justamente também naquela mortandade em massa daquele período."* (pág. 75)

31. *"O que se faz necessário aqui é uma viravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar as pessoas em desespero que a rigor nunca jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. Falando em termos filosóficos, se poderia dizer que se trata de fazer uma revolução copernicana. Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora – perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento.*
Essa exigência, e com ela o sentido da existência, altera-se de pessoa para pessoa e de um momento para o outro. Jamais, portanto, o sentido da vida humana pode ser definido em termos genéricos, nunca se poderá responder com validade geral a pergunta por este sentido." (pág. 76)

32. *"Finalizando, disse que a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido. Os meus companheiros mal se mexiam, estirados pelo chão. Vez por outra, ouvia-se um suspiro doloroso. Dei a entender que a vida humana tem sentido sempre e em todas as circunstâncias, e que esse infinito significado da existência também abrange sofrimento, morte e aflição. Pedi àqueles pobres coitados, que há tempo me escutavam na escuridão do barracão, que olhassem de frente para a situação em que estávamos, por mais difícil que ela fosse, e não desesperassem, mas recobrassem o ânimo, cientes de que, mesmo perdida a nossa luta, nossos esforços não perderiam seu sentido e dignidade. Cada um de nós, disse-lhes eu, nestes momentos difíceis e mais ainda na hora derradeira que se aproxima para muitos de nós, se encontra sob o olhar desafiante de um amigo ou de uma mulher, de um vivente ou de um morto – ou sob o olhar de Deus. Ele espera que não o decepcionemos e que saibamos sofrer e morrer, não miseravelmente, mas com orgulho!"* (págs. 80-81)

33. *"De uma forma ou de outra, para cada um dos libertos chegará o dia em que, contemplando em retrospecto a experiência do campo de concentração, terá uma estranha sensação. Ele mesmo não conseguirá mais entender como foi capaz de suportar tudo aquilo que lhe foi exigido no campo de concentração. E se houve um dia em sua vida em que a liberdade lhe parecia um lindo sonho, virá também o dia em que toda a experiência sofrida no campo de concentração lhe parecerá um mero pesadelo. Essa experiência do libertado, porém, é coroada pelo maravilhoso sentimento de que nada mais precisa temer neste mundo depois de tudo que sofreu – a não ser seu Deus."* (pág. 88)

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA LOGOTERAPIA

34. *"Não foi tarefa fácil. Transmitir ao leitor, dentro de um espaço restrito, todo o material que ocupa vinte volumes em língua alemã – é empreendimento quase impossível. Isso me lembra aquele médico americano que certa vez apareceu em minha clínica em Viena e perguntou: 'Então, doutor, o senhor é psicanalista?', ao que respondi: 'Não bem psicanalista. Digamos um psicoterapeuta.' – Continuou ele: 'Qual a escola que o senhor representa?' – Respondi: 'É minha própria teoria. Chama-se logoterapia.' – 'Poderia o senhor dizer-me, numa única sentença, o que quer dizer logoterapia, ao menos qual a diferença entre psicanálise e logoterapia?' – 'Sim', repliquei, 'mas, em primeiro lugar, pode o senhor dizer-me com uma só sentença o que pensa ser a essência da psicanálise?' – Eis a sua resposta: 'Durante a psicanálise o paciente precisa deitar-se num sofá e contar coisas que às vezes são muito desagradáveis de se contar'. Ao que retruquei imediatamente com o seguinte improviso: 'Bem, na logoterapia o paciente pode ficar sentado normalmente, mas precisa ouvir certas coisas que às vezes são muito desagradáveis de se ouvir'."* (pág. 91)

35. *"Quero explicar por que tomei o termo 'logoterapia' para designar minha teoria. O termo 'logos' é uma palavra grega e significa 'sentido'! A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a 'Terceira Escola Vienense da Psicoterapia', concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. Por esta razão costumo falar de uma vontade de sentido, a contrastar com o princípio do prazer (ou, como também poderíamos chamá-lo, a vontade de prazer) no qual repousa a psicanálise freudiana, e contrastando ainda com a vontade de poder, enfatizada pela psicologia adleriana através do uso do termo 'busca de superioridade'."* (pág. 92)

36. *"A vontade de sentido também pode ser frustrada; neste caso a logoterapia fala de 'frustração existencial'. O termo 'existencial' pode ser usado de três maneiras: referindo-se (1) à existência em si mesma, isto é, ao modo especificamente humano de ser; (2) ao sentido da existência; (3) à busca por um sentido concreto na existência pessoal, ou seja à vontade de sentido.*

Frustração existencial também pode resultar em neuroses. Para esse tipo de neuroses, a logoterapia cunhou o termo 'neuroses noogênicas', a contrastar com as neuroses na significação habitual da palavra, isto é, as neuroses psicogênicas. As neuroses noogênicas têm sua origem não na dimensão psicológica, mas antes na dimensão 'noológica' (do termo grego noos que significa 'espírito') da existência humana. Este é outro conceito logoterapêutico que designa qualquer coisa pertinente à dimensão especificamente humana." (pág. 93)

37. *"O vazio existencial é um fenômeno muito difundido no século XX. Isto é compreensível; pode ser atribuído a uma dupla perda sofrida pelo ser humano desde que se tornou um ser verdadeiramente humano. No início da história, o homem foi perdendo alguns dos instintos animais básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. Tal segurança, assim como o paraíso, está cerrada ao ser humano para todo o sempre. Ele precisa fazer opções. Acresce-se ainda o que o ser humano sofreu mais outra perda em seu desenvolvimento mais recente. As tradições, que serviam de apoio para seu comportamento, atualmente vêm diminuindo com grande rapidez. Nenhum instinto lhe diz o que deve fazer e não há tradição que lhe diga o que ele deveria fazer; às vezes ele não sabe sequer o que deseja fazer. Em vez disso, ele deseja fazer o que os outros fazem (conformismo), ou ele faz o que outras pessoas querem que ele faça (totalitarismo)."* (págs. 96-97)

38. *"Existem ainda diversas máscaras e disfarces sob os quais transparece o vazio existencial. Às vezes a vontade de sentido frustrada é vicariamente compensada por uma vontade de poder, incluindo a sua mais primitiva forma, que é a vontade de dinheiro. Em outros casos, o lugar da vontade de sentido frustrada é tomado pela vontade de prazer. É por isso que muitas vezes a frustração existencial acaba em compensação sexual. Podemos observar nestes casos que a libido sexual assume proporções descabidas no vazio existencial."* (pág. 97)

39. *"Uma vez que cada situação na vida constitui um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inverter a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim, a logoterapia vê na responsabilidade (responsibleness) a essência propriamente dita da existência humana".* (págs. 98-99)

40. *"A logoterapia procura criar no paciente uma consciência plena de sua própria responsabilidade; por isso precisa deixar que ele opte pelo que, perante que ou perante quem ele se julga responsável. Eis por que um logoterapeuta é, dentre todos os psicoterapeutas, o que menos se vê tentado a impor julgamentos de valor a seus pacientes, porque jamais lhes permitirá transferir ao médico a responsabilidade de julgar."* (pág. 99)

41. *"Até aqui mostramos que o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir. De acordo com a logoterapia, podemos descobrir este sentido na vida de três diferentes formas: 1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável."* (pág. 100)

42. *"Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos*

pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar – somos desafiados a mudar a nós próprios.
Quero citar um exemplo bem claro. Certa vez um clínico geral de mais idade veio consultar-me por causa de uma depressão muito profunda. Ele não conseguia superar a perda de sua mulher, que falecera havia dois anos e a qual ele amara acima de tudo. Bem, como poderia eu ajudá-lo? Que poderia lhe dizer? Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: 'Que teria acontecido, doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?' – 'Ah', disse ele, 'isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!' Ao que retruquei: 'Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa pagar por isso, sobrevivendo a ela e chorando a sua morte.' Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício." (pág. 101)

43. *"Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida. Esta é a razão por que o ser humano está pronto até a sofrer, sob a condição, é claro, de que o seu sofrimento tenha um sentido.*
É preciso deixar perfeitamente claro, no entanto, que o sofrimento não é de modo algum necessário para encontrar sentido. Insisto apenas que o sentido é possível mesmo a despeito do sofrimento – desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável. Se ele fosse evitável, mo entanto, a coisa significativa a fazer seria eliminar a sua causa, fosse ela psicológica, biológica ou política. Sofrer desnecessariamente é ser masoquista e não heróico." (págs. 101-102)

44. *"Esse sentido último necessariamente excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano; na logoterapia falamos neste contexto de um supra-sentido. O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida; o que se propõe é antes, suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional. O logos é mais profundo que a lógica.*
Um psiquiatra que vai além do conceito do supra-sentido mais cedo ou mais tarde acabará embaraçado por seus pacientes, como se deu comigo quando minha filha de seis anos me perguntou: 'Por que dizemos que o Senhor é bom?' Eu repliquei: 'Faz algumas semanas você teve sarampo, e então o Senhor, em sua bondade, fez você sarar completamente.' Mas a pequena não se deu por satisfeita e retrucou: 'Ora, pai, não esqueça que, para começar, foi ele que me fez pegar o sarampo!' " (pág. 105)

45. *"A todo e qualquer momento, a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento de sua existência."* (pág. 106)

46. *"A liberdade, no entanto, não é a última palavra. Não é mais que parte da história e metade da verdade. Liberdade é apenas o aspecto negativo do fenômeno integral cujo aspecto positivo é responsabilidade. Na verdade, a liberdade está em perigo de degenerar, transformando-se em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida em termos de responsabilidade. É por este motivo que propus a construção de uma Estátua da Responsabilidade na Costa Oeste dos Estados Unidos, para complementar a Estátua da Liberdade na Costa Leste."* (pág. 113)

47. *"Nossa geração é realista porque chegamos a conhecer o ser humano como ele de fato é. Afinal, ele é aquele ser que inventou as câmaras de gás de Auschwitz; mas ele é também aquele ser que entrou naquelas câmaras de gás de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai Nosso ou o Shemá Yisrael."* (pág. 114)

A TESE DO OTIMISMO TRÁGICO (pós escrito de 1984)

48. *"Do ponto de vista europeu, é bem característico da cultura norte-americana o fato de que a todo momento as pessoas são exortadas a 'ser felizes'. Mas a felicidade não pode ser buscada; precisa ser decorrência de algo. Deve-se ter uma razão para 'ser feliz'. Uma vez que a razão é encontrada, no entanto, a pessoa fica feliz automaticamente. Na nossa maneira de ver, o ser humano não é alguém em busca da felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz, através – e isto é importante – da realização concreta do significado potencial inerente e latente numa situação dada."* (pág, 119)

49. *"No que tange ao sentimento de falta de sentido, no entanto, não devemos esquecer que, em si, ele não é uma questão de patologia: mais do que ser sinal e sintoma de uma neurose, eu diria que é a prova da humanidade da pessoa. Mas, embora não seja causado por nada patológico, este sentimento bem pode causar uma reação patológica; em outras palavras, é potencialmente patogênico. Pensamos na síndrome neurótica de massa tão difundida na jovem geração: há ampla evidência empírica de que as três facetas desta síndrome – depressão, agressão, dependência de drogas – são devidas ao que se chama em logoterapia 'o vazio existencial', um sentimento de vacuidade e de falta de sentido.*
Não é necessário dizer que nem todo caso de depressão pode ser atribuído a um sentimento de falta de sentido. Tampouco o suicídio – a que a depressão às vezes leva a pessoa – sempre é resultado de um vazio existencial. Contudo, mesmo que todo e qualquer caso de suicídio não tenha sido levado a cabo por causa de um sentimento de falta de sentido, é bem possível que o impulso de tirar a vida tivesse sido superado se a pessoa tivesse estado consciente de algum sentido e propósito pelos quais valesse a pena viver." (págs. 121-122)

50. *"A partir disso se pode ver que não há razão para ter pena de pessoas velhas. Em vez disso, as pessoas jovens deveriam invejá-las. É verdade que os velhos já não têm oportunidades nem possibilidades no futuro. Mas eles têm mais do que isso. Em vez de possibilidades no futuro, eles têm realidades no passado – as potencialidades que efetivaram, os sentidos que realizaram, os valores que viveram – e nada nem ninguém pode remover jamais seu patrimônio do passado.*
Em vista da possibilidade de encontrar sentido no sofrimento, o sentido da vida passa a ser algo incondicional – ao menos potencialmente. Este sentido incondicional, no entanto, encontra paralelo no valor incondicional que cada pessoa, sem exceção, possui. E é isto que garante o fato indelével da dignidade humana. Assim como a vida permanece potencialmente significativa sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis, também o valor de cada pessoa, sem exceção, a acompanha, e o faz porque está baseado nos valores que a pessoa já realizou no passado. Não está subordinado à utilidade que a pessoa possa ter ou não no presente.
Mais concretamente, esta utilidade é normalmente definida em termos de funcionamento para o benefício da sociedade. Mas a sociedade de hoje se caracteriza pela orientação do sucesso pessoal e, conseqüentemente, adora as pessoas bem-sucedidas e felizes. Em particular, adora os jovens. Praticamente ignora o valor de todos os que são diferentes e, ao fazê-lo, apaga a decisiva diferença entre ter valor no sentido de dignidade e ter valor no sentido de utilidade. Se não se está consciente desta diferença, mas se se considera que o valor de um indivíduo nasce apenas da sua utilidade atual – neste caso, acreditem-me, é apenas por incoerência pessoal que não se advoga a eutanásia na linha do programa de Hitler, isto é, matar por 'piedade' a todos aqueles que perderam sua utilidade social, seja devido à idade avançada, doença incurável, deterioração mental ou outra deficiência qualquer." (págs. 127-128)

(Excertos selecionados por José Monir Nasser. Os trechos são de "Em Busca de Sentido" da Editora Vozes/Sinodal, 2003, 18ª. ed., tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline).